

“Deus é um alfaiate por conta deles”: a teologia *queer* de José António Almeida

Paulo Alexandre Pereira

Universidade de Aveiro

Resumo: Na obra de José António Almeida, excêntrica na cartografia literária portuguesa contemporânea, a expressão do desejo homoerótico e a celebração da sua dignidade não são objeto de lateralização ou de atenuação elíptica, nela instituindo, antes, um verdadeiro tropismo ético e poético. Oscilante entre a iconofilia e a iconoclastia, a teologia poética *queer* de José António Almeida resgata, em gesto revisionista e retificativo, episódios ou protagonistas da história antiga ou sagrada e emenda o cânone bíblico-escriturístico vetero e neotestamentário, propondo uma inversão da sua exegese canónica. A destruição de Sodoma reemerge, assim, como cena primitiva dessa hermenêutica desviante e herética, amparada pela convicção de que, ao proclamar que, pela união eucarística, todos são dignos de participar do corpo de Cristo, o *ethos* cristão é radicalmente *queer*.

Palavras-chave: José António Almeida, teologia *queer*, Sodoma, poesia portuguesa contemporânea.

Résumé : Dans l'œuvre singulière de José António Almeida, excentrique par rapport à la cartographie littéraire portugaise contemporaine, l'expression du désir homoérotique ainsi que l'exaltation de sa dignité ne se trouvent nullement reléguées à un second plan ou amoindries par un quelconque effacement elliptique. Bien au contraire, elles y instituent un véritable tropisme éthique et poétique. Oscillant entre l'iconophilie et l'iconoclastie, la théologie poétique *queer* de José António Almeida récupère, dans un but révisionniste et rectificatif, des épisodes ou des protagonistes de l'histoire ancienne ou sacrée et émende le canon des écritures bibliques vétero et néo-testamentaires, nous proposant une

inversion de son exégèse canonique. La destruction de Sodome ressurgit, ainsi, comme une scène primitive de cette interprétation détournée et hérétique, soutenue par la conviction selon laquelle l'*ethos* chrétien est radicalement *queer*,

une fois qu'on y proclame que, de par l'union eucharistique, tous les chrétiens sont dignes de participer au corps du Christ.

Mots-clé: José António Almeida, théologie *queer*, Sodome, poésie portugaise contemporaine.

Outros encontram sem dificuldade
O universo pronto a vestir
Logo de manhã, desde que nasceram.
Depois trajam todas as convenções
– que lhes assentam bem, do colarinho
às mangas, até parece que Deus
é um alfaiate por conta deles¹.

1. “Eis a metade do nome²”: este gesto de ostensão, inscrito no texto-pórtico de *António Nogueira*, a coletânea com que, em obscura edição de autor, José António Almeida se estreia em 1984, parece colocar sob o signo do diferimento elíptico e, portanto, do silêncio interruptivo a dicção de um poeta que, a vários títulos, se tem afirmado como presença excêntrica na paisagem lírica portuguesa contemporânea. A amputação do *nomen-numen* pessoano, pressagiando uma relação, tensiva e dessacralizante, com o cânone lírico que a sombra de Pessoa conjura por antonomásia, parece sinalizar essa retração do dizer autobiográfico (ou, noutros termos, a opção pelo contar-se obliquamente) a que não será estranho o álbi dramático da heteronímia e o exercício de rigor expressivo que, nas palavras de Joaquim Manuel Magalhães, consiste em “reduzir o máximo de expressão da interioridade a um mínimo de exteriorização vocabular³”. Esta elocução vigiada não inibe, contudo, a emergência insistente e desassombrada do desejo homoerótico que configura, na poética do autor de *O rei de sodoma e algumas palavras em sua homenagem*, um tropismo lírico compulsivo, de nítida incidência parabiográfica, para além, portanto, da tematização lateral de que é objeto em múltiplas poéticas contemporâneas. Embora inegavelmente sintonizada com a tendência inteligível na poesia portuguesa mais recente de explícito resgate dos tempos e dos modos do erotismo dissidente e, em particular, da “emergência da homossexualidade como que promovida a utopia do desejo⁴”, a criação

1 ALMEIDA, José António, *O casamento sempre foi gay e nunca foi triste*, Lisboa, & etc., 2009, p. 49.

2 *Id.*, *António Nogueira*, Lisboa, Edição do autor, 1984, p. 9.

3 MAGALHÃES, Joaquim Manuel, “José António Almeida”, in *Um pouco da morte*, Lisboa, Editorial Presença, 1989, p. 290.

4 COELHO, Eduardo Prado, “Querelle: a paixão do um”, in *A mecânica dos fluidos: literatura, cinema, teoria*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p. 215. No ensaio “A poesia portuguesa contemporânea”, coligido em *A noite do mundo*, salientava ainda Prado Coelho: “Hoje poderemos afirmar que a homossexualidade é uma das áreas temáticas mais intensas e explícitas da poesia portuguesa contemporânea, o que se pode ler em obras de assinalável elaboração e risco no dizer da sexualidade: lembremos Armando Silva Carvalho, Joaquim Manuel Magalhães, João Miguel Fernandes Jorge, Gastão Cruz ou

homotextual de José António Almeida, pretendendo-se testemunho translato da identidade cindida do autor – “velho bicho da terra transtagana⁵” que triplamente se anuncia poeta, homossexual e católico – ocupa, pela sua radical singularidade, um espaço à parte nos homodiscursos líricos contemporâneos. O lastro (leia-se ferida) que nela deixou o rei de Sodoma é profundo e perene. Concretizada em formatos genológicos inabituais – que incluem, para além da produção lírica, a alegoria satírica em prosa (*A vida de Horácio*) ou o ensaio-manifesto (*O casamento sempre foi gay e nunca foi triste*) –, nela o veio de resistência homoerótico se cruza com a experiência do crente proscrito pelo fascismo heteroconjugal, legitimado pelo punitivo catecismo católico apostólico, numa defesa disruptiva da dignidade teológica e pastoral de Sodoma que é, como lembra o autor, uma cidade tão “bíblica como Jerusalém⁶”.

Neste texto, ensaio, pois, a hipótese de leitura de que o nó coesivo desta obra se encontra no esforço concertado – e solitário, pelo menos em contexto português – de proposição de uma *teopoética* revisionista de alcance *queer*.

2. Inscrevendo-se num amplo movimento de superação da ditadura heterocêntrica amparada pelo discurso e pela prática religiosa⁷, a teologia *queer* tem formulado uma apologética defensiva, recusando, por exemplo, o “terrorismo bíblico”, isto é, o monismo interpretativo, a hermenêutica literal e a validade transhistórica dos passos escriturísticos canonicamente considerados como condenatórios da homossexualidade. Conexamente, num verdadeiro exercício de *coming out* textual, propõe-se uma exegese *queer* das Escrituras, por forma a denunciar a rasura, imposta por uma tradição dogmática opressiva, dos paradigmas de homofilia ou dos episódios de comunhão homoafetiva difundidos pela Bíblia, cujo *exemplum* se encontra na relação fraternal de Cristo com os seus discípulos. Com efeito, como sustenta Gerard Loughlin, lembrando o que na homofobia cristã é redutível a uma moral sexual retoricamente construída, “the most orthodox turns out to be the queerest of all⁸”.

Trata-se, portanto, de contrariar uma tradição doutrinária e eclesial atavicamente hostil à diferença sexual, contrapondo-lhe a alternativa de uma “hospitalidade eucarística⁹” em que se encontra ancorada uma teologia da libertação *gay*, de acordo com a qual “there is only one Christian *ethos* – the diverse life of Eucharistic union that includes all in the body of Christ – and it is radically queer¹⁰”. A teologia *queer*, como sintetiza Elizabeth Stuart, promove, assim, o desmantelamento da hermenêutica teológica heteropatriarcal, pelo recurso à “[...] valorization of gay experience as a hermeneutical tool in deconstructing dominant theologies and church teaching, the exposure of heterosexist assumptions in ‘objective’ theological and biblical scholarship and a centralizing of sexuality

Luís Miguel Nava, para referir apenas alguns dos nossos melhores poetas actuais”. *Id.*, “A poesia portuguesa contemporânea”, in *A noite do mundo*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988, p. 123.

5 ALMEIDA, José António, *Obsessão*, Lisboa, & etc., 2010, p. 53.

6 *Id.*, *O rei de sodoma e algumas palavras em sua homenagem*, Lisboa, Editorial Presença, p. 33.

7 Gerard Loughlin acentua o paradoxo que se verifica entre a aceitação da diferença revelada pelas práticas simbólicas cristãs e a sua proscrição enfática no plano da doutrinação e da catequese: “This is one of the queerest things about the Christian church: that it celebrates in its symbols what it denies to its members”. Cf. LOUGHLIN, Gerard, “The End of Sex”, in Gerard Loughlin (ed.), *Queer Theology. Rethinking the Western Body*, Oxford, Blackwell Publishing, 2007, p. 2.

8 LOUGHLIN, Gerard, “The End of Sex”, in *Queer Theology...*, *op. cit.*, p. 9.

9 STUART, Elizabeth, “Christianity is a queer thing. The development of queer theology”, *The Way*, 39.4, 1999, p. 372.

10 LOUGHLIN, Gerard, “The End of Sex”, in *Queer Theology...*, *op. cit.*, p. 7.

in human personhood¹¹". Na sua humanidade sexuada, ontologia movente e corporeidade instável, assim como na defesa transgressiva dos perseguidos e marginalizados, Cristo emerge como uma figura consubstancialmente *queer* que desfuncionaliza os binarismos de género e desafia a hegemonia heteronormativa¹².

No ensaio-manifesto dado à estampa em 2009, redigido a pretexto da participação do autor nos encontros que, entre outubro de 2013 e março de 2008, decorreram na Capela do Rato com uma assembleia de católicos, unidos no propósito de "rezar e reflectir sobre a [sua] comum condição homossexual¹³", José António Almeida expende reflexões que, em larga medida, me parecem confluentes com o desígnio revisionista de uma teologia *queer*, para a qual "Cristianisme i homosexualitat no són incompatibles, el que són incompatibles són el cristianisme i l'homofòbia¹⁴". Ressalvando que "o homossexual contemporâneo, quer se confesse crente quer se declare agnóstico ou se proclame ateu, é uma figura que emerge no espaço culturalmente inaugurado pelo Cristianismo¹⁵", o autor argumenta que foi "a interiorização social da figura celibatária de Jesus Cristo que veio possibilitar em termos culturais o aparecimento do homossexual autónomo e progressivamente emancipado dos

11 STUART, Elizabeth, "Christianity is a queer thing", *The Way...*, *op. cit.*, p. 371.

12 Salientando a natureza intrinsecamente *queer* do corpo de Cristo, argumenta Gerard Loughlin: "Queer theory has shown the instability and malleability of sexual identities, as these are variously constructed and reconstructed in different times and places. But this insight is in one sense belated, because Christian theology has always already found the body of Christ to be fungible flesh, a transitioning corporeality; never stable but always changing, becoming other. Christ's body is transfigured, resurrected, ascended, consumed. Born a male, he yet gives birth to the church; dead, he yet returns to life, he becomes food. As Stuart says, the 'body of Christ is queer'. Cf. LOUGHLIN, Gerard, "The End of Sex", in *Queer Theology...*, *op. cit.*, p. 12.

13 ALMEIDA, José António, *Memória de Lápiz de Cor*, Lisboa, & etc., 2014, p. 12. As circunstâncias em que decorreram esses encontros são evocadas por José António Almeida na reportagem de Alexandra Lucas Coelho, vinda a lume na revista *Pública*, em 11 de Abril de 2009, assim como no recente volume intitulado *Memória de Lápiz de Cor*: "As reuniões com um minoritário grupo de católicos na Capela do rato para rezar e reflectir sobre a nossa comum condição homossexual, o primeiro grupo que com tal propósito e semelhantes características se constituiu em Portugal, tiveram início em Outubro de 2003. O grupo começou com a vinda a Lisboa, em Setembro desse ano, do padre Domenico Pezzini, sacerdote muito conhecido em Itália pelo acompanhamento pastoral de católicos de condição homossexual. [...] Atrás de cada um dos poucos membros do grupo da Capela do Rato estava uma história singular de raras, ainda que intensas, alegrias e de muito sofrimento. E todas essas histórias desenhavam, cada uma à sua maneira, um mais ou menos enigmático desenho por decifrar". ALMEIDA, José António, *Memória de Lápiz de Cor*, *op. cit.*, p. 12. Domenico Pezzini é estudioso de literatura mística medieval, designadamente de Aelred de Rievaulx, uma afinidade eletiva que com ele partilha José António Almeida: "Se Kavafis foi um poeta fundamental no trabalho interior de auto-avaliação da minha sexualidade, Aelredo de Rievaulx veio a ser depois um monge essencial na outra correlativa vertente – porventura ainda mais recôndita – do mesmo processo, isto é, na dimensão de crescimento da minha fé. Esse santo inglês, até há muito pouco tempo, ou ainda hoje para a maioria dos católicos do continente, quase desconhecido monge cisterciense do século XII, autor de obras como *O Espelho da Caridade* – escrito a pedido de São Bernardo de Claraval – e *A Amizade Espiritual*, permitiu que se fosse lentamente desenhando na minha vida, com certa harmonia sempre instável mas de forma construtiva, o trinómio religião-poesia-sexualidade. Uma semente de profunda caridade pode florir muitos séculos mais tarde – e a luz dos ossos desfeitos dos grandes poetas consegue ainda alumiar as trevas". ALMEIDA, José António, *O casamento sempre foi gay e nunca foi triste*, Lisboa, & etc., 2009, p. 23-24.

14 VILÀ I LANAÑO, Enric, "Homosexualitat i Església: matromoni possible?", in Julián Acebrón, Rafael M. Mérida, (eds.), *Diàlegs gais, lesbians, queer*, Lleida, Edicions de la Universitat de Lleida, 2007, p. 189.

15 ALMEIDA, José António, *O casamento sempre foi gay...*, *op. cit.*, p. 12.

nossos dias¹⁶”. Contra o memoricídio perpetrado pela heteronorma, lembra-se o dever de dar testemunho das “alegrias, dores e realizações¹⁷” da minoria homossexual, desapossada da sua história e privada da sua voz. É esse armário multissecular, com o qual conspira o catecismo oficial da Igreja Católica, que “ainda define os actos homossexuais como «intrinsecamente desordenados»¹⁸”, que permite compreender que, contrariamente ao “pobre, [a]o deficiente, [a]o velho, [a]o doente, até [a]o criminoso arrependido” que “recebe da Igreja acolhimento pastoral e na Igreja encontra o seu lugar¹⁹”, sobre o homossexual impenda ainda a irrevogável sentença de “pária dos párias – a ovelha perdida do aprisco²⁰”. Ora, “sendo o Cristianismo”, como bem sublinha José António Almeida, “uma religião profundamente homoerótica – e «a mais carnal de todas as religiões» [...] – não surpreende que muitos grupos de católicos de condição homossexual tenham, ao arrepio da posição oficial e repressiva da hierarquia vaticana surgido no mundo inteiro²¹”. Se continuamos, prossegue o autor, no “ponto exacto em que a palavra «paneleiro» ainda não se transformou semanticamente e de forma cabal na palavra «pioneiro»²²”, é no “terreno secularmente baldio²³” da poesia, espaço órfico de liberdade disruptiva e de resistência, que poderá obstinadamente germinar a semente transformadora da heterodoxia:

Cada criatura aspira a escrever a sua própria história. Viver uma ficção alheia, ou ser reduzido a uma ficção dos outros, é uma forma de desumanização. E vivemos, como minoria sexual, colonizados interiormente pelas ficções da tribo, com frequência impostas em nome da religião. Mas no mais ermo, muito longe dos castelos ideológicos de todas as religiões, com os calabouços murados ou ao ar livre repletos de homossexuais de ambos os sexos triplamente condenados pelos chefes religiosos cristãos, judaicos e muçulmanos, estende-se ainda o minguado campo da literatura e o talhão da poesia como um terreno secularmente baldio²⁴.

Contudo, como se lembra no recente *Memória de Lápis de Cor*, “diante da porta cerrada do templo também se pode rezar²⁵”.

3. Não espanta, pois, que essa oração solitária e contumaz que, sob espécie lírica, se insiste em pronunciar, para si própria reclame o lugar epistemológico da dissidência. Esta poética

16 *Ibid.*, p. 14.

17 *Ibid.*, p. 16.

18 *Ibid.*, p. 19. Como observa António José Almeida, “Afirmar que os actos homossexuais são intrinsecamente desordenados significa que todo o exercício da homossexualidade é sempre desordenado do ponto de vista moral. Posição completamente diversa é pensar que os actos homossexuais podem ser ordenados ou desordenados do ponto de vista moral, exactamente como os actos heterossexuais, ou seja, considerar que a orientação sexual é em si mesma neutra do ponto de vista moral. Este pequeno matiz ou minúsculo pormenor faz toda a diferença: a incomensurável diferença que existe entre a prisão do estigma e o campo da liberdade”. *Ibid.*

19 *Ibid.*, p. 21.

20 *Ibid.*

21 *Ibid.*, p. 19-20.

22 *Ibid.*, p. 18.

23 *Ibid.*, p. 28.

24 *Ibid.*, p. 27-28.

25 ALMEIDA, José António, *Memória de Lápis de Cor*, *op. cit.*, p. 11.

estatui, por conseguinte, uma teologia do desvio, decantada no episódio bíblico de Sodoma, verdadeira tradução tropológica desse gesto de inversão hermenêutica em relação à letra opaca e opressiva da “velha Bíblia, texto sagrado a que ninguém pode acrescentar uma vírgula ou subtrair qualquer palavra [...]”²⁶. A escolha titular de *O rei de sodoma e algumas palavras em sua homenagem*, bem como a de múltiplas composições poéticas disseminadas pelas diversas coletâneas, não deixa dúvidas sobre o resgate teopoético – e correlativo aproveitamento metapoético – dessa fantasmática cena primitiva de pecado e punição²⁷, assombrada pelo canto insurrecto de um poeta banido da cidade. Como o pintor italiano Giovanni Antonio Bazzi, alcunhado *Il Sodoma*, que foi “sem contradição, autor de muitas obras de arte sacra²⁸”, desejo homoerótico e pulsão ascética não são inconciliáveis. “Filhos de serdados de Abraão²⁹”, os sodomitas veterotestamentários acenam aos “barões assinalados” de hoje a lembrança, lacerante mas orgulhosa, da inconformidade da sua “estranha forma de vida”, “sem senha de identidade”, vertida na epígrafe de “Sodoma Revisitada”, colhida no fado celebrizado por Amália:

Sodoma Revisitada

*Que estranha forma de vida
Tem este meu coração
Amália*

Em Sodoma também eu
sofri muito, fui feliz.
Conheço por dentro os casos:
neste bairro eu vivi.
Sei de cor todas as casas:
nelas amei à porfia.
Sem senha de identidade,

26 *Id.*, *A vida de Horácio*, Lisboa, & etc., 2008, p. 26. Esse “terrorismo textual” aparece enunciado, nos seguintes termos, pelo protagonista de *A vida de Horácio*: “A Bíblia era o livro dos livros, sem sombra de dúvida. Mas, nalguns versículos, fora também ao longo dos séculos, para muita gente com os mesmos gostos sexuais de Horácio, uma narrativa de crime e castigo, com chuvas de enxofre e abundantes terremotos na faixa de Sodoma e Gomorra”. *Ibid.*, p. 27.

27 O sentido exegético do episódio da destruição de Sodoma (Gn 19,1-11) não é, como se sabe, consensual. Embora a carta da Congregação para a Doutrina da Fé de 1986, sobre a *Atenção Pastoral às Pessoas Homossexuais*, consigne explicitamente que “não pode haver dúvida sobre o juízo moral ali expresso contra as relações homossexuais” (cf. PEZZINI, Domenico, *As mãos do Oleiro. Um filho homossexual: que fazer?*, Prior Velho, Paulinas Editora, 2009, p. 72), opinião diversa tem sido expressa por inúmeros historiadores e biblistas. John Boswell, por exemplo, argumenta que “the notion that Genesis 19 – the account of Sodom’s destruction – condemned homosexual relations was the result of myths popularized during the early centuries of the Christian era but not universally accepted until much later and only erratically invoked in discussions of the morality of gay sexuality. Many patristic authors concluded that the point of the story was to condemn inhospitality to strangers; others understood it to condemn rape; most interpreted it in broadly allegorical terms, only tangentially related to sexuality”. BOSWELL, John, *Christianity, Social Tolerance, and Homosexuality. Gay People in Western Europe from the Beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century*, Chicago and London, The University of Chicago Press, 1980, p. 113-14.

28 ALMEIDA, José António, *O rei de sodoma...*, *op. cit.*, p. 33.

29 ALMEIDA, José António, *O casamento sempre foi gay...*, *op. cit.*, p. 12.

apenas signo de cruz.
Da cidade dos hebreus
trago nos olhos o lume.
Assim judeu, sete vidas
atravessei no deserto.
E por colinas e mares
setenta vezes morri
– como judeu e cristão,
que estranha forma de vida³⁰.

Autofigurando-se como judeu errante, pária na cidade de Deus e na cidade nos homens, este poeta assume-se, pois, como testemunha-mártir de uma Sodoma “feita de vinagre e mel³¹”, da “Sodoma dos pequeninos/degradados filhos de Eva³²”, apresentando, num “Salmo” de andamento versicular e interposta voz camoniana, o canto – ou melhor, a suspensão dele – como inerente à sua condição de sodomita exilado:

Salmo

Sobre esses rios que vão
de Sodoma para o mar
lancei o meu coração.
E num ramo de salgueiro
em Sodoma sobre o mar
minha flauta pendurei.
Sobre esses rios que vão
de Sodoma para o mar
calei a minha canção³³.

Se as muitas moradas de Sodoma representam o cenário arquetípico deste canto insulado, a apostasia – de que o imperador Juliano constitui a tradução metonímica³⁴ – a traição – ilustrada pelo beijo de Judas³⁵ – ou o martírio – como o de S. Sebastião³⁶ – serão os estilemas eleitos desta liturgia da inversão, assinalando o descaso deste sujeito, “ovelha do eterno tresmalhada³⁷” que, ao confrontar-se com o atávico *script* bíblico da Criação, se reconhece personagem de outro Génesis:

Adão e Eva, contava-me
em criança minha mãe,

30 ALMEIDA, José António, *A mãe de todas as histórias*, Lisboa, Averno, 2008, p. 28.

31 *Ibid.*, p. 45

32 *Ibid.*

33 *Ibid.*, p. 67.

34 “Juliano, o Apóstata”, *O rei de sodoma...*, *op. cit.*, p. 16.

35 “O Beijo de Judas”, *Obsessão*, *op. cit.*, p. 35.

36 “Martírio de São Sebastião”, *O rei de sodoma*, *op. cit.*, p. 21; “Proto-poema de todos os versos”, *O casamento sempre foi gay...*, *op. cit.*, p. 33.

37 ALMEIDA, José António, *O casamento sempre foi gay...*, *op. cit.*, p. 41.

a mãe de todas as histórias.
Calor de brasa ao colo,

eu ouvia o fio do conto
com os meus olhos, calado,
pequenos poros abertos,
boca, nariz e ouvidos
– e mais um sexto sentido.
Filho de Eva e Adão,
adolescente, mais tarde
– profundamente em silêncio –
como foi que te tornaste
personagem de outra história³⁸

Apóstolos de um mesmo evangelho apócrifo do desejo dissidente são também os autores congregados, “sob o sol do mesmo-sexo³⁹”, numa confraria a um tempo espiritual e erótica. Nesta biblioteca eletiva de Sodoma, Wilde⁴⁰ ombreia com Kavafis⁴¹, Pessanha com Pessoa-Campos⁴². E nessa mesma *communitas*, em insuspeitada convivialidade, Ganimedes⁴³ encontra os patriarcas⁴⁴ ou D. Sebastião⁴⁵. A insistente iconofilia cristã que se pressente nesta poesia concita um copioso arquivo bíblico-litúrgico, iluminando, numa espécie de *spot the queer* compensatório⁴⁶, a sua sub-homo-textualidade. Essa emblemática – que pode incluir desde as figuras veterotestamentárias, como Abraão, até santos do hagiológico *queer*, com previsível destaque para São Sebastião – tende a privilegiar os guerreiros, santos ou apóstolos geminados – John Boswell refere-se-lhes como *paired saints*⁴⁷ – que,

38 *Id.*, *A mãe de todas as histórias*, *op. cit.*, p. 8.

39 ALMEIDA, José António, *Obsessão*, *op. cit.*, p. 45.

40 “Dorian Gray”, *O rei de sodoma...*, *op. cit.*, p. 22.

41 A presença de Kavafis na obra de José António Almeida mereceria, por si só, um espaço de indagação de que aqui não disponho. Sobre a experiência impressiva que, para o autor de *O rei de sodoma*, significou a descoberta do poeta de Alexandria, cf. as seguintes palavras de *O casamento sempre foi gay e nunca triste*: “Quando li Kavafis pela primeira vez fiquei encerrado em casa durante três dias seguidos em que faltai às aulas e apenas saía do meu quarto para tomar à pressa as refeições, a fim de imediatamente voltar ao livro do poeta de Alexandria, tão forte se revelou em mim a descoberta provocada pela leitura dos seus versos”, *O casamento sempre foi gay...*, *op. cit.*, p. 23. Poemas de expressa inspiração kavafiana são, por exemplo, “A peregrinação da vida”, de *A mãe de todas as histórias*, ou “Releitura de Kavafis nos Trópicos”, de *Arco da porta do mar*.

42 “Camões, Pessanha e Campos”, *O rei de sodoma...*, *op. cit.*, p. 31; “Numa vila de província”, *O casamento sempre foi gay...*, *op. cit.*, p. 42; “Velho poeta em maus lençóis”, “A fonte que murmura sob a lua”, “O pinguim”, ALMEIDA, José António, *Arco da porta do mar*, Lisboa, & etc., 2013, p. 17-18, 31-32, 52.

43 “Os companheiros de Ganimedes”, “A águia de Zeus”, “Ganimedes”, *O rei de sodoma...*, *op. cit.*, p. 27, 46, 47; “Açores”, “A sós com Ganimedes”, *A mãe de todas as histórias*, *op. cit.*, p. 14, 17.

44 “Abraão posto à prova”, “Isaac”, *O rei de sodoma...*, *op. cit.*, p. 40, 42.

45 “Dom Sebastião”, *O rei de sodoma...*, *op. cit.*, p. 38.

46 Como esclarece Nikki Sullivan, aplicando esta prática de *spot the queer* à gramática heteronormativa do cinema de Hollywood, “the primary aim is to discover the (repressed) homosexual or homoerotic elements [...] contained in mainstream cinematic texts”. SULLIVAN, Nikki, *A Critical Introduction to Queer Theory*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 2003, p. 192.

47 Em *Same-Sex Unions in Premodern Europe*, observa John Boswell: “Doubtless more influential on ordinary Christians than either the Scripture (which only a tiny minority could read) or arrangements

como David e Jónatas⁴⁸, São Sérgio e São Baco⁴⁹ ou mesmo Jesus e João, deram testemunho de uma amizade amorosa ambivalente onde se indistinguem *eros* e *philia*. No conceito de *amicitia spiritualis*, que sintetizava o ideal congregar da comunidade monástica, condensado na fórmula *cor unum et anima una*, a que o místico cisterciense Aelredo de Rievaulx⁵⁰ – “o abade que não castigava os seus monges por andarem de mãos dadas⁵¹” – consagrou um tratado em forma de diálogo, acentuam-se os liames de fraternidade erotizada que aproximam várias destas duplas bíblicas ou hagiográficas e que, como se lembra no poema “Visão de Baco na noite”, “escapam do relato da paixão”:

Pois a felicidade para mim
é contigo, amado companheiro
– assim a voz de Baco lhe falou
em sonho, na prisão, depois da morte
que deixou numa dor inconsolável
Sérgio, passado pouco também mártir.
Segundo narração que foi lavrada
mais tarde por cristãos, nessas ou noutras
palavras semelhantes de ternura
que escapam do relato da paixão⁵².

involving religious women and clerics were the examples provided by ‘paired saints’, whose images were prominently displayed in the art adorning places of worship and recast in popular fable and literature throughout the Christian world. Possibly the oldest such example was that of David and Jonathan in 1 and 2 Samuel in the Jewish Scripture. [...] Certainly the most controversial same-sex couple in the Christian tradition comprised Jesus and John, the ‘beloved disciple’. The relationship between them was often depicted in subsequent art and literature as intimate, if not erotic. John refers to himself six times as ‘the disciple whom Christ loved’, causing one to wonder whether in John’s view Jesus did not ‘love’ the other apostles. At the very least, he must have meant that Jesus had a *special affection* for him [...]”. BOSWELL, John, *Same-Sex Unions in Premodern Europe*, New York, Villard Books, 1994, p. 135-138.

48 “O deus de Jónatas”, *O rei de sodoma...*, *op. cit.*, p. 41.

49 “São Sérgio e São Baco no Além”, “Lamento de Sérgio”, “Visão de Baco na noite”, *O casamento sempre foi gay...*, *op. cit.*, p. 45-47. Como informa John Boswell, “By far the most influential set of paired saints was Serge and Bacchus. [...] Serge and Bacchus came to represent to subsequent generations of Christians the quintessential ‘paired’ military saints: they were usually referred to and often pictorially depicted together (sometimes rubbing halos together and with their horses’ noses touching), and they became the preeminent ‘couple’ invoked in the ceremony of same-sex union [...]”. BOSWELL, John, *Same-Sex Unions in Premodern Europe*, *op. cit.*, p. 146-47, 153-54.

50 A ele é expressamente dedicado o poema “Imagem de Aelredo de Rievaulx”, incluído em *O casamento sempre foi gay e nunca triste. (O casamento sempre foi gay...*, *op. cit.*, p. 48). Nas palavras de John Boswell, “it was Saint Aelred of Rievaulx who gave love between those of the same gender its most profound and lasting expression in a Christian context. [...] There can be little question that Aelred was gay and that his erotic attraction to men was a dominant force in his life”. BOSWELL, John, *Christianity, Social Tolerance, and Homosexuality*, *op. cit.*, p. 221-22.

51 ALMEIDA, José António, *Vida de Horácio*, *op. cit.*, p. 62. Boswell confirma que Aelredo de Rievaulx “allowed his monks to hold hands and otherwise express affection, unlike other abbots who, in the words of Aelred’s admiring biographer, ‘if a monk takes a brother’s hand in his own, ... demand his cowl, strip and expel him’”. BOSWELL, John, *Christianity, Social Tolerance, and Homosexuality*, *op. cit.*, p. 224-25.

52 ALMEIDA, José António, *O casamento sempre foi gay...*, *op. cit.*, p. 47.

Compreende-se que, à luz de uma nobilitação ética e teológica do desejo feito carne, sejam os santos nus – reminiscentes dos santos de fogo de que falava Julien Green⁵³ – os que este sujeito confessadamente elege como paradigma de virtude hagiográfica:

Dos santos, prefiro, os nus.

Sebastião e Francisco,
por exemplo. Esses poucos
que em nudez dão testemunho.
E Francisco nunca foi
pintado assim nos altares.
Mas desnudou-se frontal

da maneira que sabemos.
O corpo nu tão direito
parece sermão aos peixes
– como fez um outro santo⁵⁴.

Assim, num primeiro sinal de reparação, investe-se em fazer reemergir um cânone bíblico-hagiográfico submerso, por meio de um processo de *queering* retificativo. Trata-se, pois, de uma modalidade do contradiscurso anti-homofóbico que David Halperin designou como *exposição* ou *desmistificação*, através da qual se mina a *auctoritas* falaciosa do *diktat* heterocêntrico⁵⁵. Contudo, como justamente salienta o autor de *Saint Foucault*, uma estratégia complementar de erosão da lei heterossexista consiste na apropriação criativa e na resignificação dos seus códigos de representação, propondo-se uma emenda explícita da tradição. No que especificamente diz respeito à hermenêutica bíblica, a inviolabilidade da *sacra pagina* é desconsiderada em benefício de um *outing* concertado dos textos sagrados, na presunção de que “all texts are open to interpretation and thus are all potentially queer⁵⁶”. É o que acontece no epitalâmio *gay-friendly*, sintomaticamente intitulado “As bodas de Caná”, que o autor, em nota posfacial, explicitamente correlaciona com a causa do casamento homossexual: “O conjunto das dez estrofes tem por argumento as uniões do mesmo sexo, ou o casamento homossexual, visto na perspectiva do casamento civil e religioso, e toma como ponto de partida e referência o episódio das bodas de Caná, conforme o relato feito no Evangelho de São João⁵⁷”. Numa colagem improvável de relato evangélico, passagens do *Cântico dos Cânticos* e versos interpolados de

53 Comentando a santidade defectiva e dilacerada de Francisco de Assis, Julien Green distingue, nos seguintes termos, os “santos de gelo” dos “santos de fogo”: “J’aime beaucoup mieux savoir que François a commis quelques fautes. Il n’en devient que plus humain et plus cher à ceux qui l’aiment, et son mérite n’en peut que s’accroître. Mais j’ai toujours préféré les saints de feu [...] aux saints de glace que la tentation n’effleura seulement pas. Que saint François d’Assise soit tombé nous rend espoir. Le voilà tout proche et tout vivant. Vive Dieu, il a péché comme nous!”. GREEN, Julien, *Journal V. Le Revenant (1946-1950)*, in *Œuvres Complètes*, vol. IV, Paris, Gallimard, 1975, p. 1104.

54 ALMEIDA, José António, *O casamento sempre foi gay...*, *op. cit.*, p. 39.

55 HALPERIN, David M., *Saint Foucault*, *op. cit.*, p. 51-52.

56 SULLIVAN, Nikki, *A Critical Introduction to Queer Theory*, *op. cit.*, p. 202.

57 ALMEIDA, José António, *Arco da porta do mar*, *op. cit.*, p. 73.

O *Noivado de Sepulcro*, de Soares dos Passos, o poema escrutina a melancolia deceptiva dos que serão sempre intrusos na festa núbil a que só os outros têm direito⁵⁸:

Tanto calor que faz, tamanha sede
– e para nós nem vai tocar a vez:
vinho não temos à mesa da boda.
Apenas vejo seis talhas em pedra
ao rito da limpeza destinadas.
Convidados fomos, mas no banquete
nunca seremos ao centro do júbilo.
[...]
Vinho não temos à mesa redonda,
ninguém que salve da tristeza a carne
de nossos corpos tão atribulados
e de beber nos dê um doce néctar
agora – e nem na hora da morte,
ao volver à terra a prova que fomos
“os dois um só durante a vida toda”
como jurámos sem ninguém saber,
ganharemos nós das caras de luto
a lacrimosa flor na sepultura:
em cova comum as nossas ossadas
– por lei de amor unidos para sempre⁵⁹.

Em “Lázaro vem cá para fora”, num anacronismo corrosivo da *dignitas* evangélica, o milagre da ressurreição surge ironicamente ressemantizado como *coming out* do amigo de Cristo perante a família. A saída do armário de Lázaro é, num acto de solidária militância, aplaudida por um gato que brande a multicolor *freedom flag* da cauda:

E quando Lázaro abriu os olhos
– viu a mãe, os irmãos, a empregada.
Não se ouvia uma mosca na sala.

58 Sobre o assunto, vd. as reflexões expendidas pelo autor no posfácio: “Lembro-me da beleza da liturgia, que jamais cessou de me assombrar, da celebração de casamentos a que fui assistindo ao longo dos anos e de como me sentia, contraditoriamente, exilado da alegria da festa – embora aqui talvez fosse necessário distinguir entre ‘contentamento’ e ‘alegria’ –, mais mendigo que convidado, dissimulado copeiro e servente inútil, no meu íntimo foro, do secreto júbilo de outro banquete do futuro, perdido no nevoeiro de séculos vindouros e apenas avistável com os olhos do coração. [...] Nascemos solitários e solteiros, casado não vem ao mundo ninguém e em solidão celibatária de modo superlativo vivem todos esses que padecem ‘a angústia da azeitona antes de se transformar em luz’. Mas descubro-me, ao ter concluído este poema sobre o casamento, como se tivesse acabado de sonhar a coisa mais antiga e, ao mesmo tempo, mais recém-acontecida e alegre novidade de que tenho memória. Agora, desde sempre”. ALMEIDA, José António, *Arco da porta do mar*, op. cit., p. 77-78.

59 *Ibid.*, p. 7-9.

Todos se entreolhavam abismados:
Não era o Lázaro conhecido
Depois das ligaduras retiradas.
[...]
Ah, ele era “isso”? Não posso crer.
Sim, sem dúvida nenhuma, é Lázaro.
Outro pode ser, alguém parecido.
Não diga asneiras. Com aquela cara?
Havia sinais, como fui tão estúpida
– mas “certas coisas” nunca me enganaram.
[...]
Pisou com passo firme no vermelho
de tacos em madeira de soalho,
uma festa no colo fez ao gato
(que ergueu felpuda a dura cauda grossa
como orgulhoso mastro de bandeira
polícroma, listrada, solta ao vento)
– e depois riu-se de todos sem medo⁶⁰.

Acrescente-se, de passagem, que a este *misreading* da história de Lázaro não será estranho o esforço retificativo de delinear uma imagem sexuada de Cristo, que com ele, como têm sugerido alguns autores, teria mantido uma relação de contornos homoeróticos⁶¹.

Não é raro que este procedimento de sabotagem lúdica do figurino sacro assuma matizes de um humor *camp*. O riso impulsiona o decrescendo do *pathos* em *bathos*, dessublima o martírio, degrada a *grauitas* em burlesco⁶². Ou, na melhor das hipóteses, faz emergir a tentação da santidade (quase) ao nosso alcance, como acontece com um São Sebastião redivivo e adolescente, que se diria decalcado do belo efebo retratado por Pierre et Gilles, inesperadamente entrevistado numa loja de artigos religiosos:

Soletrei baixinho um nome de santo,
como quem expressa um desejo silente.
E perguntei por São Sebastião,
consolado só de ver a sua cara.
Os seus modos avivavam anseio
por sorte e gozo ou bem-aventurança,
como o outro operava nos cristãos
da época. O mesmo tom afável,

60 ALMEIDA, José António, *O casamento sempre foi gay...*, op. cit., p. 37-38.

61 YIP, Andrew K. T., “Queering Religious Texts: An Exploration of British Non-heterosexual Christians’ and Muslims’ Strategy of Constructing Sexuality-affirming Hermeneutics”, *Sociology*, 39, February 2005, p. 59.

62 Cf., por exemplo, a inversão irónica da parábola do filho pródigo, desenvolvida na composição intitulada “À Mesa”, de *O rei de sodoma e algumas palavras em sua homenagem*.

manso, prudente, generoso, como ficou gravado nos martirológios, “e outras belas qualidades”. Não tinha a imagem pretendida, mas poderia de pronto encomendar. E por entre labaredas de sorrisos, doces olhares, gentil à-vontade, reparando nele, vi por avulso milagre, a imagem rediviva do santo, mesmo ali à minha frente – porém tão inalcançável na terra como no céu a sua carne gloriosa⁶³.

Bibliografia:

- ALMEIDA, José António, *António Nogueira*, Lisboa, Edição de autor, 1984.
- , *O rei de sodoma e algumas palavras em sua homenagem*, Lisboa, Editorial Presença, 1993.
- , *A vida de Horácio*, Lisboa, & etc, 2008.
- , *A mãe de todas as histórias*, Lisboa, Averno, 2008.
- , *O casamento sempre foi gay e nunca foi triste*, Lisboa, & etc, 2009.
- , *Obsessão*, Lisboa, & etc, 2010.
- , *Arco da porta do mar*, Lisboa, & etc, 2013.
- , *Memória de Lápis de Cor*, Lisboa, & etc, 2014.
- BOSWELL, John, *Christianity, Social Tolerance, and Homosexuality. Gay People in Western Europe from the Beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century*, Chicago and London, The University of Chicago Press, 1980.
- , *Same-Sex Unions in Premodern Europe*, New York, Villard Books, 1994.
- COELHO, Alexandra Lucas, “Eles são católicos, homossexuais e praticam”, *Revista Pública*, 11 de Abril de 2009.

⁶³ ALMEIDA, José António, *A mãe de todas as histórias*, op. cit., p. 25-26.

- COELHO, Eduardo Prado, “*Querelle: a paixão do um*”, in *A mecânica dos fluidos: literatura, cinema, teoria*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p. 215-221.
- , “A poesia portuguesa contemporânea”, in *A noite do mundo*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988, p. 113-132.
- GREEN, Julien, *Journal V. Le Revenant (1946-1950)*, in *Œuvres Complètes*, vol. IV, Paris, Gallimard, 1975.
- HALPERIN, David M., *Saint Foucault. Towards a Gay Hagiography*, Oxford, Oxford University Press, 1995.
- LOUGHLIN, Gerard, “The End of Sex”, in Gerard Loughlin (ed.), *Queer Theology. Rethinking the Western Body*, Oxford, Blackwell Publishing, 2007, p. 1-34.
- MAGALHÃES, Joaquim Manuel, “José António Almeida”, in *Um pouco da morte*, Lisboa, Editorial Presença, 1989, p. 287-291.
- PEZZINI, Domenico, *As mãos do Oleiro. Um filho homossexual: que fazer?*, Prior Velho, Paulinas Editora, 2004.
- STUART, Elizabeth, “Christianity is a queer thing. The development of queer theology”, *The Way*, 39.4, 1999, p. 371-381.
- SULLIVAN, Nikki, *A Critical Introduction to Queer Theory*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 2003.
- VILÀ I LANAÓ, Enric, “Homosexualitat i Església: matromoni possible?”, in *Diàlegs gais, lesbians, queer*, Julián Acebrón; Rafael M. Mérida (eds.), Lleida, Edicions de la Universitat de Lleida, 2007, p. 167-201.
- YIP, Andrew K. T., “Queering Religious Texts: An Exploration of British Non-heterosexual Christians’ and Muslims’ Strategy Of Constructing Sexuality-affirming Hermeneutics”, *Sociology*, 39, February 2005, p. 47-65.